Ano 3, n. 6, 2010
Seção Colunas
18/06/2010

Como a ficção invade a realidade?

Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo é Doutor em Literatura Comparada, Professor Associado de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da UERJ e pesquisador do CNPq. Publicou doze ensaios, entre eles “A Educação pelo Argumento” e “O Livro da Metaficção”, e onze romances, entre eles “A filha do escritor” e “Nanook”. Publicou, pela editora Rocco, o livro “Conversas com um professor de literatura”, contendo 50 crônicas desta Revista Eletrônica do Vestibular da UERJ. Seu ensaio “A ficção de Deus”, publicado pela Annablume, acaba de receber o Prêmio da Biblioteca Nacional para o Melhor Ensaio Literário de 2015. Edita o site www.gustavobernardo.com, sobre as suas obras.

O conto “Continuidade dos parques”, de Julio Cortázar, ao comunicar diferentes níveis de ficção através de um processo radical de metaficção, parece invadir a nossa realidade.

O conto começa com a seguinte frase: “Começara a ler o romance dias antes”.

Quando lemos essa frase, percebemos que o personagem principal é também um leitor: ele estava no meio da leitura de um certo romance. Isso significa que nós nos tornamos leitores de um leitor, assim como a ficção de Cortázar contém dentro dela uma outra ficção.

A circunstância de nos encontrarmos lendo uma pessoa que lê é perturbadora: parece que somos indiscretos. Emerge a sensação desagradável de que outra pessoa também possa ler o que estamos lendo, o que nos dá a possibilidade de pelo menos três leitores:

- [1] aquele que lê o conto dentro do conto;
- [2] cada um de nós quando lê o homem que lê o conto dentro do conto;
- [3] um leitor que talvez nos leia enquanto lemos o homem que lê o conto dentro do conto.

A sucessão de indiscrições se interrompe por aí? Não, nada garante que pare. “Acima” pode haver um quarto leitor, assim como “abaixo” pode haver um quinto leitor, e assim por diante. Essa multiplicação de leitores e leituras afeta a continuidade dos parques, transformando-a em uma multiplicação infinita de lugares. Encontramos uma série possivelmente infinita de mãos de Escher.

Na sequência da leitura percebemos que o personagem-leitor é um homem rico. Sua casa é cercada por um parque de carvalhos. Ele encontra-se sozinho na biblioteca, sentado na sua poltrona preferida, a de veludo verde. Assim que recomeça a leitura, a ilusão novelesca o ganha imediatamente: “palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi testemunha do último encontro na cabana do monte”.

Os personagens da história que o personagem-leitor lê são uma mulher e seu amante: eles se encontram na cabana no meio de um outro parque de carvalhos. No peito do homem, o punhal destinado a tirar a vida do marido da mulher. Para ambos o punhal representa esperança, se eles poderão viver livremente o seu amor. Tudo indica que o leitor da poltrona de veludo verde adotou a perspectiva do casal, preparando-se ele mesmo para cometer junto com o amante o assassinato do marido abominável.

O “diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes”, a indicar uma legião de demônios: as palavras que os amantes trocam entre si. Enquanto a acompanha, o homem percebe junto com o casal que “tudo estava decidido desde sempre”, ou seja, que aquela história já está escrita, restando-lhe apenas segui-la com seu prazer de leitor. De nossa parte, nós seguimos a sua leitura.

Os amantes se separam na porta da cabana: ela se afasta para o outro lado enquanto ele se dirige à casa. À medida que se aproxima, percebe que tudo corre conforme o previsto: “os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava”.

A mão invisível do narrador cala os cães da propriedade e garante a ausência do capataz. O amante sobe os degraus da varanda e entra na casa, seguindo a orientação da mulher: primeiro a sala azul, depois a varanda, então a escadaria. No alto, duas portas: ninguém no primeiro quarto,

ninguém no segundo.

Finalmente, o momento derradeiro: a última frase do conto.

Por cima do ombro do leitor da poltrona de veludo, nós a lemos: "A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance".

O conto termina antes que o assassino apunhale o homem que está lendo a novela de um assassino que irá matar o marido da sua amante enquanto ele está lendo a novela de um assassino que irá matar o marido da sua amante enquanto ele está lendo a novela de um assassino que irá matar...

Ad infinitum.

Ad nauseam.

Se o homem da poltrona de veludo se confunde necessária e metonimicamente com cada leitor do conto de Cortázar, então nós como leitores somos jogados dentro desse círculo infinito tão fascinante quanto nauseante. A história continua na leitura da história que por sua vez continua na leitura da história dentro da história: um parque de carvalhos e palavras se comunica com o outro parque de carvalhos e palavras.

Podemos dizer que a leitura da leitura do personagem-leitor-e-vítima realiza a comunicação impossível entre a ficção e a realidade: tornamo-nos vítimas do nosso próprio ato.